

Mo
nosso grande amigo
e colaborador
esta lembrança

da Redação

Cuiabá, 21-XI-1937.

"O Liceu"



Ao exmo. e rmo. sar. d. FRANCISCO DE AQUINO CORREIA,
dd. arcebispo metropolitano, «príncipe da Igreja, homem de ciência, homem de
letras, homem de Estado, poeta, pregador, escritor, tribuno, sacerdote modelar»,
— na ocorrência de seu aniversário natalício, amanhã, dois de abril,
HOMENAGEM e respeitosos cumprimentos do "Liceu".

O LICEU



Órgão do Liceu de Artes e Ofícios "S. Gonçalo"

Cuiabá — Mato-Grosso

Ano II

Abril de 1937

N. 10

No coração do deserto

ou

no deserto do coração

Meu coração
canta, em surdina,
a cavatina
do Ideal.

Quanto se agita!
nem se aquieta...
— êle é poeta —
pobre mortal!

Pelo Saará.

Areia. Soalheira. Desolação.

Tudo longe. Tudo fogo. Tudo intermimo.

Às vezes, como por encanto, a delícia de um oasis.

Então: água fria e cristalina, sombra benfazeja, vege-
tação tropical: alimento, descanso, alegria

Quanta vez, porém: a miragem...

Então: o desalento, quase o desespero...

Assim, a vida.

Que de ilusões não a salpicam!

E, se o homem é o beduíno que percorre os invios e dilatados areais da existência, saiba que, aí, sobejam as miragens e escasseiam os oásis.

Se veio, através da vida, repartindo o coração pelos lugares e pelas criaturas, o pobrezinho sangra toda vez que a saudade, ou a simples lembrança de um lugar, de um ente querido, venha renovar a ferida quase cicatrizada...

Compreenda algum dia que é tôla vaidade e caduco esforço consagrar-se exclusivamente a criaturas, amor feito de tal nobreza, que devera ser votado sòmente a Deus — único a merecê-lo!

O coração é mesmo feito para o amor: sem um guia seguro que o leve para Deus, êle erra e vai mendigar alhures a felicidade que almeja.

Mesmo quando aí se lhe depare o encanto de u'a nobre amizade, muito legítima e muito santa, há-de perceber, alfim, que se enganou: ainda lhe resta longa extensão a percorrer, e o paraíso ainda se lhe planta além dos horizontes desérticos a se afastarem dilatando-se...

Miragens ..

Oásis, há um só: Deus.

E é preciso ir até lá.

Eleve-se, pois, até ao trono augusto do Onipotente.

Os pés — uma chaga viva; o cérebro — em chamas; a alma — em farrapos; o sentimento — como ferro-em-braza; o coração — em pandarecos:

— alcandore-se até Deus.

E oiça, por fim, a voz do grande Bispo de Hipona, ressoando, solenemente, através das arcarias de ampla nave, em alguma igreja monumental, perdida em a noite dos tempos:

Formastes o nosso coração para Vós, ó meu Deus, e êle vive inquieto e desassossegado, enquanto não descanse em Vós!

Mérgio Lôbo

Minha ânsia de cantar

Maia d'Athayde

E foram-se estalando uma a uma,
todas as cordas de minha harpa amiga...
E o canto emudeceu mal começado,
mal começado nos meus lábios trêmulos
de triste menestrel das ilusões...
E mudo... em negro crepe envolto... em pranto
vate viúvo...
comecei a rojar pelas esarpas...
Sòmente então é que cantei... cantei...
Cantei ao sol... à treva...
à noite, ao firmamento...
as cordas dedilhando do arvoredo,
vibrando os cavos sons da ventania
nas bôcas das cavernas...
Sómente então cantei...
Cantei minha ânsia enorme...
toda a minha ânsia enorme de cantar...

QUARESMA

Por A. ÉSSER

— Lá se foram as férias!....

Nos vossos corações juvenis choram ainda as doces recordações de tão belos dias. As alegrias sãs no seio da família, os passeios os divertimentos passaram!... Só vos restam as suas recordações!...

Ei-vos de volta ao ninho salesiano, à casa da virtude, à escola do bem e do verdadeiro amor.

Meus bons amigos, se, porventura, vos sentirdes oprimidos pelas saudades que choram nos vossos corações; se os oito longos meses de trabalho vos espantarem; se a separação da família vos arrancar uma furtiva lágrima, ó bons amigos, não desanimeis. Mostrai-vos fortes; sede verdadeiros alunos de D. Bosco; olhai para o alto e o ano escolar de 1937 será para vós um ano de bênção e de merecimentos; para vossos pais, dias de conforto e de consolação; para vosso futuro, mais um passo consolador rumo à vossa tão almejada meta.

Êste mês de março nos convida a fixar os nossos olhos para o alto. Não escolhei a Igreja Católica êsse tempo de quaresma para nos, prepararmos pela penitência e pela vida interior mais intensa, ao grande drama do Gólgota? Não sentís, com a Igreja e com a sua liturgia, a grande dor que lhe oprime o coração, pensando na Semana Santa? Não escutais os acentos plangentes do canto litúrgico, fiel intérprete dos sentimentos dessa boa mãe que nós todos chamamos a Igreja Católica?

Pois bem, meus bons amigos, associai-vos ao espírito da Igreja. Sofrei com ela. Seja a dor da nossa mãe também a nossa dor. E, se nos seus olhos marejados de lágrimas brilhar a resignação; se nos seus lábios comprimidos pela dor se esboçar um leve sorriso, fazei o mesmo, imitai-lhe o exemplo. Abraçai cristãmente todo e qualquer sacrifício que vos cause a vida de aprendiz ou de estudante. No meio das pequenas amarguras que podeis encontrar na vida de colégio, tende a coragem de sorrir e de dizer: "Seja feita a Santa Vontade de Deus".

Se assim fizerdes, bons amigos, tenho certeza de que Deus, na sua infinita bondade, ha-de abençoar-vos e conceder-vos, êste ano mais do que nunca, as bênçãos e as graças necessárias para colher uma abundante messe.

Coragem, pois, em enfrentar êste ano. Com os olhos para o alto heis de vencer!



A Sagrada Família

*A pobre e santa família
que vivia em Nazaré
constava só de três membros:
Jesus, Maria e José.*

*O primeiro—um Deus-Menino,
o segundo— a Mãe de um Deus,
o terceiro—um grande Santo
—o encanto dos altos céus.*

*P'ra nos remir do pecado
veio ao mundo Jesus:
porém, só nos vai salvar
cravado em uma cruz.*

*Deus o quer, e o bom Menino
desobedecer não sabe:
desobediência, amigo,
em um bom cristão não cabe.*

S. L.

Os dois meninos

Via um menino por uma estrada, cantando como os passarinhos que voavam de ramo em ramo, quando ouviu uma voz que o chamava:

Menino louro que ides passando, ao sol, com tamanha pressa, por que não descansais?

Vinde aqui um instante: tenho mel e bolos de farinha e leite, e dar-vos-ei tanto ouro quanto possa conter o saco que levais às costas.

Eu vos agradeço, disse o menino louro; mas, como as horas voam e já soou a sineta, não me posso deter um só instante.

E aonde vos levam passos tão ligeiros?

— À escola.

— Bem feliz sou eu que vivo sobre moedas de ouro neste palácio de coluna de prata, cercado de gosos. Que me importa saber como nasce a planta, porque brilha a estrêla, e o que houve dantes? Que me importa? Sei que tenho tesouros, escravos, leitos fofos de penas onde me estiro preguiçosamente... Que me importa o mais? Vais trabalhar tanto!... tenho pena de ti.

Anos depois, já moço, tornava o menino louro à casa de seus pais, quando, ao passar no antigo sítio onde outrora avultava o palácio, lembrou-se do me-

nino que o chamara e pôs-se a procurar os muros fortes, mas só via ortigas e ruínas, erva brava e escombros, e uma voz saiu dentre as ruínas:

— Esmola a um pobrezinho, pelo amor de Deus!

O moço louro deu então com um homem alquebrado e envelhecido que lhe estendeu a mão trêmula.

Caridosamente, deu uma moeda ao pobre e lembrou-se de perguntar pelo palácio que ali houvera em tempos.

— Ah! meu senhor, suspirou infeliz. Quem o visse tão forte nas suas bases de granito e de mármore, não o julgaria tão fraco. Levaram-no as águas tumultuosas do rio num inverno e, todo o tesouro, que era grande, foi-se águas abaixo.

— É o menino que nele vivia, — que é feito dele?

— Aquí o tendes, senhor, nesta miséria que vêdes: sou eu mesmo. Vivo de esmolas, porque nada tenho e nada sei. Tudo quanto eu valia as águas levaram.

O moço louro, ouvindo êsses lamentos do infeliz, agradeceu no coração os cuidados paternos e bendisse as noites que passara debruçado à mesa dos estudos, e, caminhando, dizia:

— Ah! a fortuna que eu traço acumulada na cabeça, não

a roubarão ladrões, não a le-
vão torrentes, porque as suas
bases são mais fortes do que
o granito e o mármore.

Pobre menino do palácio de
ouro!...

Coelho NETO

N. R. — Uma observação para os estudiosos do vernáculo:
Por que será que Coelho Neto começa o 1º diálogo na 2ª pessoa do plural
(«...*ides* passando... por que não *descansais*? Vinde... dar-*vos*-ei... levais... E
aondo *vos* levam...») e vem a terminá-lo na 2ª pessoa do singular («*Vais* tra-
balhar tanto!... Tenho pena de *ti*»)?

Receita para cura das enfermidades morais e corporais que afetam a Miseria Humanidade

- Pilulas de paciência, formula do Dr. Jó.
- Xarope composto de flor-de-resignação. — Elixir balsâmico de
sossêgo de espírito. — Extrato de raiz-de-humildade.
- Infusão de flores-de-viçosas de oração fervente. — Espírito religi-
oso condensado no mais elevado grau de perfeição pelo proces-
so da caridade evangélica — Cosimento de cascas amargas de sofri-
mento pelo amor de Deus.

DIRETÓRIO: Observar rigorosamente a higiene da alma, res-
guardando os olhos, os ouvidos e a língua; temperança, diligência,
e castidade, passeios higiênicos nos campos das obras de miseri-
córdia; loções nas fontes salutaras da Penitência; alimento cotidi-
ano do Pão dos Anjos e freqüentes exercícios de piedade. Às vezes
aparecem algumas erupçõeszinhas, denominadas *escrúpulos*; cu-
ram-se de pronto com o bálsamo tranqüilo da fé, esperança e ca-
ridade e com fricções de linimento puro de obediência, ainda nos ca-
sos rebeldes. Fazendo-se uso constante dêsse prodigioso regime in-
dicado no diretório, tem-se descoberto o segrêdo da vida. Reco-
mendamos larga propaganda, visto não serem reservados os di-
reitos de propriedade. Esse medicamento foi analisado e apro-
vado pela Junta de Higiene da Igreja Católica. Encontra-se em
odas as farmácias da boa vontade.

O Brasileiro

Existe ainda aquela forte raça,
Que a natureza brasileira fez!
Peito gigante, coração bondoso,
O brasileiro de bronzead a tez.
Mas ai! genuíno sabiá do galho
Eis o africano dêste meu Brasil
Saúdoso vate, perenal carvalho
O Brasileiro dêste céu de anil!

Travou-se luta de potências cegas
Nas verdes matas desde o sul ao norte;
O luso raio se bateu co' o arco,
Por toda parte foi segando a morte!
Vence o estrangeiro, indesejado braço,
Graças ao fogo do seu bom fusil.
E fustigado, cava a terra ingrata
O Brasileiro dêste céu de anil!

Pérola fina de lavor cendrado
Da sorte adversa de um povo herói
Tremula e incerta vai de folha em folha,
Luzir bem perto a um coração que doi!
Surge um luzeiro de fulgor nos céus!
Ao pobre escravo cede o fasto heril,
Mas, rebanhado é nas selvas densas,
O Brasileiro dêste céu de anil!

Se da princeza não tivera o braço,
De mulher forte, inda, oh! sorte crua,
O africano, brasileiro nado,
Se estrebuxava na senzala nua!
Assim p'ra o índio, brasileiro puro,
Não foi a graça de farol gentil,
Pois inda hoje gemebundo dorme
O Brasileiro dêste céu de anil!

Que defensores do gentio inerme,
Impoem-lhe os donos do torrão natal!..
Amor da pátria, temeroso ferro!..
Catequizá-lo com ardor brutal!
Rendido, é escravo... se resiste, morre!
A terra toda lhe parece hostil,
E foge a dentro nos sertões bravios,
O Brasileiro dêste céu de anil!

Mas, já cansado de tão iname fuga,
Resignado curva o dorso heróico,
Cordeiro manso é tosquiado sempre,
E eternamente sabe ser éstoico!
Mas, se a inocência fazer mal não sabe
É vergonhoso para o meu Brasil,
Ditar seu solo a quem sugando vive
O Brasileiro dêste céu de anil!

Mirao de perto este colisso imberbe,
Guerreiro experto de nação famosa,
Não lhe é desdoiro trabalhar na terra,
Que a mão de ferro deve ser calosa!
É que da guerra não lhe fére o ouvido
O rauco estrondo do clangor senil!
Por isso vive em desafeto e triste
O Brasileiro dêste céu de anil!

E passa os dias da mais curta vida,
Bem semeada de espinhosos cardos;
Gemer não ousa, por não vêr-se amado,
Seus cantos fruem do sabor dos bardos!
Mas, se me déra de escutar-lhe as mágo-
Que de misterios não sondára mil, /as,
Neste sorriso verde-gaio e mole
Do brasileiro dêste céu de anil!

Eras ditosas ao seu luxo fusco
Revê sonhando em o tinir do ferro!
Se é fustigado, do saráu se lembra,
Se morre a mingua, não maldiz o perro!
E vai-se nele a inocente ave!
Nenhum pipilo soltará por vil
E malfadado tenha sido o dono
Do Brasileiro dêste céu de anil!

E gira a roda do eterno fado!...
Que se esfacéle no rodar sem fim
Todo o inocente, que lhe cái na trama,
Que o barco vague na corrente... É as-
Pois no Brasil o brasileiro geme, /sim!
Ninguem lhe toma do fatal cansil,
E no Amazonas cresce o cativoiro
Ao Brasileiro dêste céu de anil!

Vuitó Sereno

ALELUIA!*Aleluia!**"Eu sou a Ressurreição e a Vida."**Alegrias, flores e risos!
Festa!**Festa das almas que ven-
ceram o mundo com Jesús.**Ressurreição e Vida.*

* * *

*Por que continuar nas
sombas da morte, meu jo-
vem amigo, quando tudo te
convida para o rumor da vi-
da?**Ergue essa fronte abati-
da, deixa o luto da triste-
za. Ilumina o teu semblan-
te carregado.**Sorri e canta o riso da
paz e o canto da vitória.*

* * *

*Deixa a tumba negra da
culpa, despe a mortalha da
morte, moço!**Deixa o peccado, veste a
túnica da graça.**Ressuscita! Vive!**Aleluia!***BRÁSILIO MARAJÁ**

Assinaí o "O LICEU": é a

—:— vossa revista —:—

O TESOURO DA EXPERIÊNCIA

— ¿Como chegaste a fazer parte de uma sociedade mercantil, sem um tostão de capital?

— Muito simples: contribuí com minha experiência, e os acionistas com o seu dinheiro.

— E agora?

— Agora eu adquiri o seu capital, e êles a minha experiência.

**NÃO SUBA, SAPATEIRO, ALÉM DA CHINELA**

Expôs, Apeles, à porta, uma pintura sua, e se pôs detrás da tela a escutar os votos e censuras várias dos que passavam.

Veio um sapateiro, e notou um defeito na chinela duma figura principal.

Emendo: Apeles a falta; e, no dia seguinte, tornou a passar aquê-
le oficial, e, vendo a emenda ficou satisfeito de si, e atreveu-se a notar outra coisa na perna da mesma figura.

Então, Apeles, aparecendo, lhe disse:

— Não suba, sapateiro, além da chinela.

— Daquí ficou o adágio contra os que dão voto no que não entendem: *Ne sutor ultra crepidam.*



DUAS TIRAS

JOSÉ de MESQUITA

Quem não conhece ahi as *Leituras Catholicas*? Publicação utilissima, que obedece ao plano educativo do grande D. Bosco, della disse Pio IX não haver cousa mais excelente para promover e alimentar a piedade no meio do povo.»

Dessa serie, cuja divulgação em português data de 1890, já foram editados para mais de quinhentos volumes, em elegantes fasciculos mensaes.

O 553, correspondente a Junho do anno passado, me foi remettido pelo meu caro Ary Martins — o dedicado propugnador do intercambio mental entre o R. G. do Sul e M. Grosso — e traz materia bôa e interessante, subordinada ao suggestivo titulo *RES DIVINAE*, de autoria de Walter Spalding.

Não me era extranho o nome do auctor. Membro destacado dos mais altos sodalicios da sua terra natal — o Instituto Historico e a Academia Riograndense — Walter Spalding é tambem jornalista catholico, sendo estes trabalhos que ora vêm a lume escriptos, em sua maioria, para o orgão da Congregação Mariana de Porto Alegre.

Já nos carteamos, tendo mesmo Spalding tratado, em um ensaio de imprensa, dos meus livros publicados, fazendo-o com feliz espirito de observação, embora com grande generosidade amiga. Que direi eu, agora, do seu livrinho, o primeiro que tenho o

prazer de ler, comquanto saiba haver elle editado mais seis outras obras de varios themas?

RES DIVINAE é uma collectanea de artigos que revelam, a par de um senso christão muito elevado, a cultura intellectual e o bom gosto artistico de quem os escreveu. Aquellas paginas da *Segunda Parte*, acerca de Rubens, Corneille e De Lidel, Sebastião D'Elcano são paginas curiosas e eruditas. Outras, como *Religião, Educação e Família* valem pela oppor-tunidade da propaganda

Eva Lavalliere é uma deliciosa evocação dessa enigmatica e linda creatura que, depois de viver nos galarrins da fama, foi morrer «num recanto esquecido da França, cercada apenas duma imagem do Menino Jesus de Praga e uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes...»

A Primeira Parte é toda mariana, é um ramalhete de flôres perfumosas a Maria, a que «é e deve sêr em todos os momentos de nossa vida a norma do nosso modo de ser.»

Incluem-se na *Terceira Parte* algumas composições poeticas, das quaes nos honramos publicando uma nesta tiragem d' "O Lycêo".

O livrinho de W. Spalding é uma obra bem escripta, de actualidade e, sobretudo, uma obra cuja leitura sómente pôde fazer bem — para neutralizar tanto mal que vai por ahi.

(Cuyabá, Março MCMXXXVII)

EXPEDIENTE

Órgão dos alunos do Liceo de Artes e Officios de São Gonçalo
Cuiabá Estado de Mato-Grosso

Publicação: 9 números, de abril a dezembro.

Assinatara:

4\$000

TRABALHO

Aos jovens diplomados do Liceu Salesiano em
Cuiabá, na noite de 29 de Novembro de 1936.

Festas! Que linda festa! A recompensa
Do labor, entre luzes, aparece!
De bons augúrios nuvem rósea, densa
Por sobre vós, cariciosa, desce.

Pelo vosso futuro a nossa prece
Vai suplicar no céu e Deus, — a imensa,
Infinita bondade, se enternece
E aumenta a vossa fé e a vossa crença.

Estais armados para a lida. A Santa
Religião que seguís é como o orvalho
Que, doce, alenta e refrigera a planta.

Levais daqui tanta virtude nalma!
Sêde fortes, constantes no trabalho,
Tereis, de certo, o que sonhais — a palma!

ANTONIO TOLENTINO DE ALMEIDA

A virtude é a rasoira de Deus.

Tratava Napoleão I de colocar um quadro na parede, e não alcançando o prego em que devia suspendê-lo um de seus oficiais lhe disse:

— «Deixe vêr, Senhor, se o dependuro eu, que sou maior do que Vossa Majestade.»

— «Não», replicou Bonaparte, «serás *mais alto*; maior não és.

Há grandes diante dos homens, que são pequeninos perante Deus; pelo contrário, os desprezíveis aos olhos do mundo, quanta vez não são grandes aos de Deus! A virtude é a rasoira de Deus, e a coisa que, única, tem recompensa na outra vida

Obs. «Rasoira (rra-zô-i-ra) s. f. rasa, peça de madeira roliça e torneada que serve para rasar os cereais ou tirar-lhes o cogulo nas medidas de secos.»

«Rasostrar v. tr. nivelar com a rasoira, arrasar.»

«Cogulo... s. m. porção que sobreexcede as bordas da medida (de secos). (*Aulete*) — Cogulo é vocábulo paroxítono.

Crendices...

Nosso povo do interior é, geralmente, dominado por crendices, e algumas delas, verdadeiras superstições. — Falo do povilêu, sem nenhuma cultura, quer científica ou religiosa. Porta-se êle como inocente criança: a mãe para tê-la em casa, ao anoitecer, afirma-lhe a existência de lobis-homem, mula-sem-cabeça, sombração, e tantas outras bobices.

Não ficam com a meninice essas ninharias, porém; passam muitas vezes, aos adultos.

Vejam-se sòmente algumas:

Dizem: — cortar unha em dia de sexta-feira, é de mau agoiro; — entrar em casa por uma porta, e dela sair por outra, é causa de atrazo individual; — quem está com terçolho, se abstenha de fixar a vista em outro indivíduo porque acabará por transmitir-lhe a doença; etc.

Belo cabedal de conhecimentos inúteis, que de todo em todo rebaixam a própria pessoa.

*
**

Há pouco, realizei longa viagem; e para o que me servi de trens, lanchas, automoveis e bondes.

E como soe acontecer, perceiti trechos enormes ao lado de gente ora boa, ora menos boa, já polida, já grosseira.

A muitos vi dobrarem a manga do jaquetão; — das donzelas não pude observar semelhante gesto.

Nem me digam que Deus prefere os demais homens ao padre, o escolhido por Êle mesmo, para a missão sacrossanta do sacerdócio católico!

Sejamos lógicos em os nossos raciocínios. O que é certo, porém, é que a presença da batina lhes é enfadonha, os acabrunha, lhes impõe respeito, e o que é mais, fecha a bôca a muitos, que, em tais circunstâncias, dão ansa aos seus disparates.

Não negamos a impossibilidade do desastre; mas, envia a Providência Divina, cujos desígnios são admiráveis, êsses pequenos infortúnios para castigo de uns e purificação de outros; ou (quem sabe) para que o sacerdote presente tenha ocasião de exercer a caridade cristã: esquecendo-lhes as injúrias e perdoando-lhes os impróprios.

Tenoliva

Retiro Espiritual

Realizou-se o retiro anual dos Salesianos, no p. p. mês de janeiro, sendo prégadores os rvmos. snrs. padres João Greiner-diretor do Colégio Salesiano de Santa Teresa, de Corumbá — Antônio Colbachini, o conhecido missionário, atualmente em C. Grande.

Exames de admissão

Inscreveram-se nos exames de admissão ao curso ginásial setenta e oito (78) candidatos, sendo aprovados: 63.

Pe José Salvetto

O conhecido e bondoso padre José Salvetto acaba de ser transferido do posto de Prefeito do Liceu de São Gonçalo para o de Prefeito do Colégio Salesiano de Santa Teresa, de Corumbá.

Início do ano letivo

A 15 de Março iniciaram-se regularmente as aulas de Admissão e Ginásial. As do curso profissional já funcionavam desde 1º de março.

MISCELÂNEA

ENIGMA

Amam-se tanto nas sombras
Quanto na luz se enfastiam;
Em mim acabam-se muitos,
Muitos em mim principiam.



* * Nunca o futuro de uma nação pesou tanto sobre a consciência de seus filhos como nesta hora de alarmas e de imprevisões, plangendo demorada dos recantos do Brasil.

Fernando de Magalhães



Um Galeno foi à caça,
encontrou um passarinho:
Espera lá que eu te curo!»
e matou o coitadinho.

* *

O doutor Saracura
a curar começara,
mas enquanto êle cura,
o doente não sara.



**Nas ondas da vida remando navego:
Eu sinto seus males, eu sofro amargores;
Nem sempre eu vivi em tormentos não nego,
mas nunca uma vida foi cheia de flores..**

* * O capitão — Sargento, de que força dispõe?
O sargento — Ah! meu capitão!
Desde que tive uma pneumonia perdi completamente as forças.



Na delegacia

O senhor não se lembra do número do auto que o atropelou?

A vítima, que é um músico:
— A única cousa de que me recordo é que a busina era em ré...

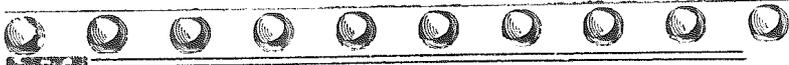
Quadra sertaneja

Parece até brincadeira,
mas é verdade patente,
que a gente nunca se esquece
de quem se esquece da gente.



Preguiçoso — Olha, meu filho, o professor mandou dizer-me que eras muito preguiçoso. Então, que queres ser, quando fores grande: malandro?

— Vou ser Papai Noel.
— Por que?
— Porque Papai Noel trava
lha somente um dia cada ano..



Problemas e charadas



1

Duas mães e duas filhas devem dividir entre si 3 peras. Como farão elas para terem partes iguais sem partirem as peras?

Uma das mães é filha da outra

2

Um caçador atirou em 3 rôlas e matou uma; quantas ficaram?

Só ficou a que morreu.

3

Qual é a palavra de sete letras de que se tirando três só fica nada?

Gravada.

4

Por que é que os alemães fazem o pão maior do que os italianos?

Porque põem mais massa.

5

Corre pela Itália, pelos campos do Brasil e ilustrou Camões.

1-2

9

Diverte na margem que cor-
re. *1-2*

Ribeira

7

Como se pode fazer doze angulos com 3 linhas?

8

Com sete fósforos fazer o numero um.

9

Qual é a planta que nos é mais útil?

A planta dos pés.

10

Com que é que os chineses cozinham o arroz?

Com fogo.

11

Siga para aqui, animal 1-1

Vaca.

12

Senhora, que sofrimento para quem ama -2-1.

Amador.

13

O instrumento em que se dorme forma separação 1-2

Parede.

14

Duas vezes anda pela Itália e reside em palácio 1-1

Bispo

Como morreu S. José

*Trombetas pelo céu alegremente soavam,
e um odor divinal se espalhava pelo ar.
Os anjos do Senhor pelo azul cirandavam
a cantar... a cantar...*

*Descia, lenta, a tarde. (Encantadora tarde!)
São José, no seu leito, humilde e bom, morria,
qual cirio que se esvai: sem grito, sem alarde
e, morrendo, sorria!*

*Por Maria e Jesus carregara sua cruz
neste vale de dôr, trabalhando a porfia.
E agora, sob o olhar de Maria e Jesus,
deste misero val lentamente partia.*

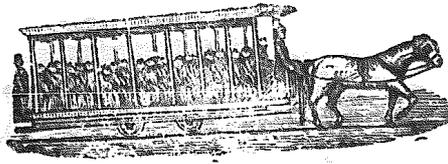
*E partia feliz! Dos dois entes queridos
nas calejadas mãos sentia as mãos sem par.
Que mais, pois, desejar, si, breve, no Alto, unidos
por toda a eternidade haviam de ficar!*

*E enquanto aqui na terra os olhos lacrimosos,
rezavam por José — Jesus Christo e Maria,
entre hinos divinaes, angelicos, gloriosos,
no seu Reino de Vida, o Eterno a recebia.*

Walter Spalding

(Do livro "Res Divinae")

O que nem todos sabem



1) Em Johannesburg na África em 1911 uma moça caiu no sono cataleptico e somente depois de 25 anos de sono acordou em perfeito estado de saúde.

* * *

2) O avião inglês SWaina atingiu a 15.230 ms. de altura no avião bristol 118

* * *

3) Em Kaptstad na África morreu de fome um pobre Panojatis Vafides que tinha nos bancos 65 mil contos.

* * *

4) Um estudante da academia em Ate. nas tem em vez de 32 dentes, 55.

* * *

5) Em Johannesburg na África vive a mulher mais velha do mundo Ana Louv. Tem 130 annos.

* * *

6) O Sur Grüm de Vie na (Áustria) em consequência de uma explosão na guerra mundial já há 19 annos que não dorme.

* * *

7) Em Milão na Itália, um engenheiro construiu um motor que é movido pelo calor solar. Deu bons resultados.

8) Em Francofurto na Alemanha o Sr. Gustavo Rusdstafler construiu uma máquina para escrever as notas mucais.

* * *

9) Os homens mais ricos na América-do-Norte são: Carnegie, que começou sua carreira como guarda-livros numa casa comercial; Gates, como varredor de ruas Blemoud, como porteiro dum hotel; Rockfeller, como caxeiro numa pequena casa de comercio; Morgan, como vendedor de leite e Gould, como reclamista.

* * *

10) Na América-do-Norte há estrada de rodagem feita com algodão.

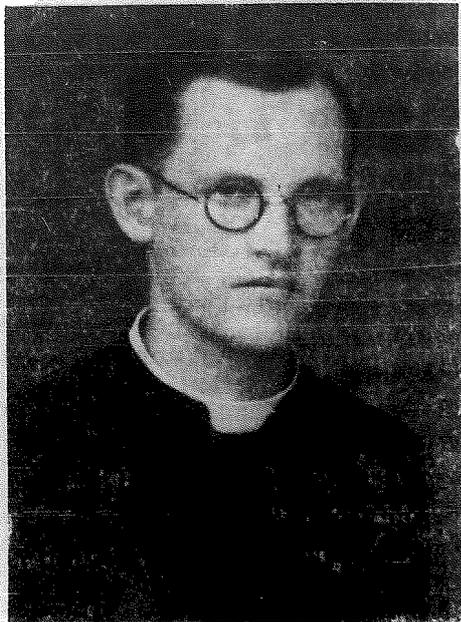
* * *

11) Em Canadá há trens escola para as creanças dos colonos.

* * *

12) A Construção do maior edificio de Nova, York Estate Building "custou 1.100.000 contos de reis. Tem ele 1.248 pés de altura, 102 andares 62 elevadores para passageiros e 6.200 janelas os Norteamericanos cogitam agora na construção de um arranha-céu ainda maior...



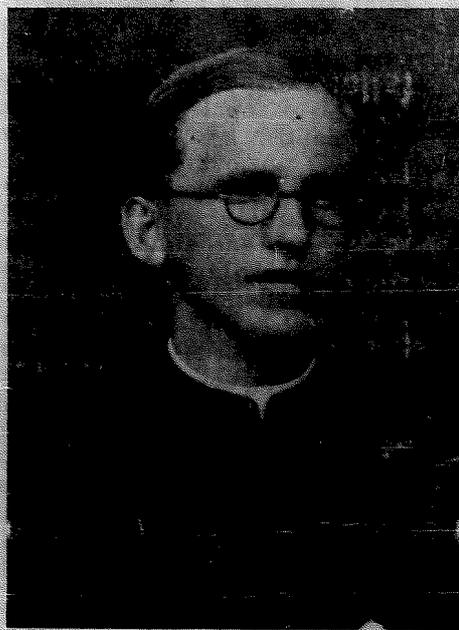
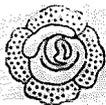


Ao rvm. padre Bruno Mariano, um grande amigo, nosso ativo e estimado Conselheiro-Escolar, em 1936, atualmente ocupando o mesmo cargo em Corumbá, no Colégio Salesiano de Santa Teresa.



HOMENAGEM

Ao rvm. padre João Hadzinski, outro distinto amigo, nosso incansável e querido Catequista em 1936, atualmente Conselheiro-Escolar deste estabelecimento.



Fantasia

(Especial para o Liceu)

Sempre gostei de sonhar. É muito bem verdade que se gosa mais nos sonhos do que na própria realidade dos fatos. Julgo triste a creatura que não sabe sonhar, que não sabe enganar-se por minutos sonhando. Pois, eu esta noite gosei imensamente com um desses sonhos dos anjinhos do céu. Um sonho q. começou mal e terminou bem. E muito bem que foi ainda pisando em terra. Minha alegria viu nisso maior prazer. Eram cinco horas da manhã. Penetrava numa floresta densa. Árvores seculares que jamais viram o dgy do tapuia, golpeando os ares, que nunca sentiram o golpe do machado, nem o chorar do baque de uma companheira, ao verem-me começaram a estortegar furiosamente a alguns passos deante de mim. Era um cataclisma? Nem soube dizê-lo. Sonhava. E quem é que sabe pensar quando sonha? Não pensava, mas percebia, ou pelo menos assim o cria. Devia ser um cataclisma horrendo. As árvores deitavam-se num esforço titanico como se curvam os heroes á passagem do tirano. Uma cena macabra! Eu senti calafrios. O vento não soprava, nem mesmo a leve aragem. Nem uma folha do chão voava. E as árvores estorciam-se freneticamente. Não sei que electro-iman as comovia. Horrendo! A maleita impiedosa passava pela mata. Ali se quebravam todas as leis da criação. Uma só restava: a lei da comoção. Algum fluido perpassava misteriosamente por aquela natureza virgem. E eu sempre de pé, firme. De pé, como um triunfador, (pobre triunfador!). Meus cabelos hirtos de medo, pareciam tantas agulhas de injeção, que se interravam no pobre craneo, inoculando algum liquido infernal. Ai foi que eu pensei. E pensei mesmo como quem não sonha. O meu craneo era já um potente aparelho receptor. Um radio, não para receber melodias, mas para aceitar convulsões externas. E tambem eu comecei a tremer dos pés á cabeça. Tremia como varas verdes. Si as arvores tremiam!? Eu não andava. Qual nada! Mas desandava numa rapioca tremenda, num côco baiano dos piores e mais eletricos. Saltava como este só nos reinos de Anhangá. E foi o que pensei naquela vertigem macabra. Quando minhas pernas cederam, caí sentado como a negra baiana se assenta na feira sob o peso do balaio de laranjas. Bem que eu tambem tinha na cabeça um balaio, enorme balaio onde dansava como laranjas um mundo de coisas. As pernas se me estorceram e os calcanhares tomaram a posição do Curupira. Parecia que me afundava. Ao meu redor eu via as arvores descer afundando-se tronco a dentro pela terra voraz. Depois tudo ficou uma verde alfombra. Depois tudo era um mar esmeraldino e encapelado. Então senti-me grande. Grande massa a boiar no mar imenso. Tive logo a impressão medonha de que o meu craneo era a crosta da terra. Arranquei das aguas os braços que me pesavam. Apalpei o craneo. Senti florestas: (os meus cabelos com certeza!). Eu acariciava terras, lagos e rios. Eu tocava montanhas. Eu dedilhava o grande orgao do Universo. Comecei sentir-me bem. Percebia melhor. Magnifico! Já não sofria. Gosava. Era eu o mundo!... Lembrei-me de Eça de Queiroz e quiz lezantar-me como o seu mômo no Eden. Faltava luz e eu nadava em trevas. Tôlo de mim! Estava com os olhos fechados. Abri-os. Dois enormes focos de luz!... Dois grandes olhos para o infinito. Arregalei-os bem. Coisa horrível! Eram dois holofotes tremendos. Tive medo de mim mesmo. Quis fecha-los: o mais forte estufou de fora e como uma bala arremessou-se contra o céu. Olhei com outro olho. Tambem ele dansava irrequieto a saltar-me da órbita. E não houve reme-

dio: também esse com saudade do companheiro se arremessou contra o céu: um a perseguir o outro para nunca se encontrarem: o sol e a lua. Uma esteira esbraseante pelo ar em fóra... Um clarão amortecendo... Uma noite... eu comecei a vêr sem ter olhos. Vi perto da bôca, a grande bôca da noite. Na boca os dentes brilhavam como perolas: eram estrelas. Um mundo de luzes, de faiscas, de côres, de algodão, tudo iluminado... "Meu Deus, que confusão dos pecados! Mas isto é um sonho horrível, atrapalhado, sem pé nem cabeça! Ou estou doido varrido ou estou arrebrandando em febre. Nada! Não entendo mais nada!... "Comecei a sofrer. Não mais eu gozava. Agora já estava sentado sobre as águas. Em cima, o céu estrelado e o céu de nuvens. A atmosfera pezava demais. Eu suava por todos os póros. Era o orvalho das minhas agonias ou a chuva a surrar-me as costas. Tive um deliquio... Uma sensação de rumor. Talvez um rumor alegre, um sino a tocar. Estremeci-me. Abri estes meus olhos (que já os tinha e que não eram mais nem sol nem lua!) E vi em deredor de mim, a brincar travessamente, uma chusma de anjinhos, um magote de creanças

barulhentas, sentadas nos bancos da escola, na aula de geografia, divertindo-se à espera que o professor, que o seu velho professor voltasse a esse mundo de enigmas e mistérios. Lindo! Senti-me tocado, comovido, altamente sensibilizado. Respirei consolado. Sonhara ou não, aquilo me fez um bem enorme. Acordara, mas estava cansado. Reco'hi-me e peguei no sono de verdade. Quando acordei percebi que acabara de resolver um problema de importância. A minha geografia estava entendida. A cosmografia também. Não é sem razão que hoje sou lente da materia!...

* *

Ai! quantas vezes a gente se ilude! Ilusão! Tudo é ilusão realmentd! A vida é uma grande ilusão... um souho extravagante muita vez... uma químera como esta. Pois ha nessa vida momentos, vercadeiros pontos indecifráveis, nós insolúveis, tramas intrincadas que não podemos jamais traduzir fóra dos sonhos. Que pelo menos terminem estes sonhos entre os anjinhos do céu.

Vuitó Sereno

Belem do Pará, 19 Janeiro de 1937

Florilégio Mariano

por Jzé X. Nada

« São cem sonetos, de cem autores diferentes, entre portugueses e brasileiros,... todos escritos em louvor à Excelsa Senhora, à Virgem Mãe, que é a mais alta culminância da perfeição humana.»

«Da forma clássica de Camões e de um Bocage, passando pela filosófica de um Quental e parnasiana de um Raimund Correia ou Bilac, para terminar na expressão moderna de um Humberto de Campos — toda uma linda floração de inteligência, cujo estro desabrocha nas rosas de meio, em louvor da celeste Maria.»

Eis o que, entre outros conceitos, diz a autoridade em literatura que é o dr. José de Mesquita.

À venda nas Escolas Profissionais Salesianas. Guiabá — Est. Mato-Grosso
Brochura 2\$000 Encadernado 4\$000

A verdadeira escala dos seres

Todos conhecem a classificação científica.

No grau inferior, a *matéria* inerte; no grau superior, as *plantas*, dotadas de vida; acima delas os *animais* que além da vida, têm o movimento e um conhecimento rudimentar; por fim, os *homens* que, além das qualidades da matéria, da planta, do animal, possuem, a mais, a da inteligência.

Tal é o ensino dos livros. Apurada, a verdade é outra.

Há entre os homens varias Subdivisões: 1ª. — Alguns, cuja inteligência carece das luzes da fé; 2ª. — outros, cuja inteligência possui a fé, mas uma fé informe, á qual falta a caridade; 3ª — mais uns terceiros, cuja inteligência possui a fé informada pela Caridade.

Fixemos estes diversos estados.

Os primeiros não crêem em Deus e no mundo sobrenatural. Não passam de simples animais, menos ainda, pois, os animais estão satisfeitos com o que têm, ao passo que, estes homens experimentam em si desejos de bemaventurança insaciáveis na sua breve existência.

Os segundos crêem, mas não estão na amizade de Deus. São uns infelizes: perderam a paz da consciência e não gozam das alegrias espirituais que lhes proporcionaria a caridade.

Os últimos, por fim, crêem, esperam, amam.

São homens completos. Homens incorporados ao Cristo e por êle divinizados.

Façamos agora algumas aplicações.

Um homem talentoso, rico, poderoso é recebido triunfalmente numa Capital. Para realçar o brilho da recepção, mobilizam-se tropas, organiza-se um cortejo pomposo. A multidão, para vê-lo, apinha-se ao longo das avenidas. Mas os olhos não enxergam senão o exterior; a alma, esta lhes escapa: se, por acaso, se acha envolvida nas trevas da incredulidade: pobre grande homem!

Mas, eis nessa multidão uma criança que crê em Deus, que o ama, que exulta de felicidade quando pensa no Céu aonde quer ir um dia. Êste pequeno está dois graus acima do homem, na escala dos Seres.

Mendigos e ignorantes há que sobrepujam assim a homens millionários, a cientistas cobertos de glória. Sua fé é uma luz que lhes alumia todos os passos. Estão de tal maneira envolvidos e compenetrados dela, que a respiram e vivem consoante o dito de São Paulo: «o justo vive da fé.»

Tal luz comparada às trevas da incredulidade é como o dia em face da noite.

Ah! pudéssemos ver as almas! que de restrições se nos imporiam à estima que devemos ter para com os próximos!

M. LAPORTE

Saudade

Por Izé

É este o espinho doído que fere o coração de todos os que deixam suas casas para se abrigarem em um colégio.

Nos primeiros dias, vêm-se uns olhinhos vermelhos e lágrimas brilharem entre o pisca-pisca contínuo d'olhos saudosos...

Eis umas quadras de tantas outras que, com inspiração extra, cantou com tanta perfeição de sentimentos, o nosso GRANDE poeta Bastos Tigre:

Saudade, palavra doce,
Que traduz tanto amor!
Saudade é como se fôsse
Espinho cheirando a flor.

Saudade, ventura ausente,
Um bem que longe se vê,
Uma dor que o peito sente
Sem saber como e por quê.

A alma gela-se de tédio
Enchem-se os olhos de ardor...
Saudade —dor que é remédio,
Remédio que aumenta a dor.

E' assim mesmo. Saudade é
coisa já passada que nos faz

doer o coração.

Muitas vezes é um cachorrinho que em casa ficou; um gatinho, um cavalo baio que forçoso foi deixar... mas a maior parte das vezes são os nossos pais e amigos que deixaram um enorme vácuo no coração.

O bom jovem não fica triste, melancólico, encantado como um velho socó! Ele pensa melhor e diz: "Devo estudar e aprender um ofício, assim que, não me adianta lamentar desconsoladamente a separação necessária dos meus caros Sou homem e saberei sofrer resignadamente para o bem meu e dos meus.

Mais tarde, sendo bacharel ou um bom operário, serei feliz entre os meus e poderei com prazer matar as saudades que ora me invadem o peito."

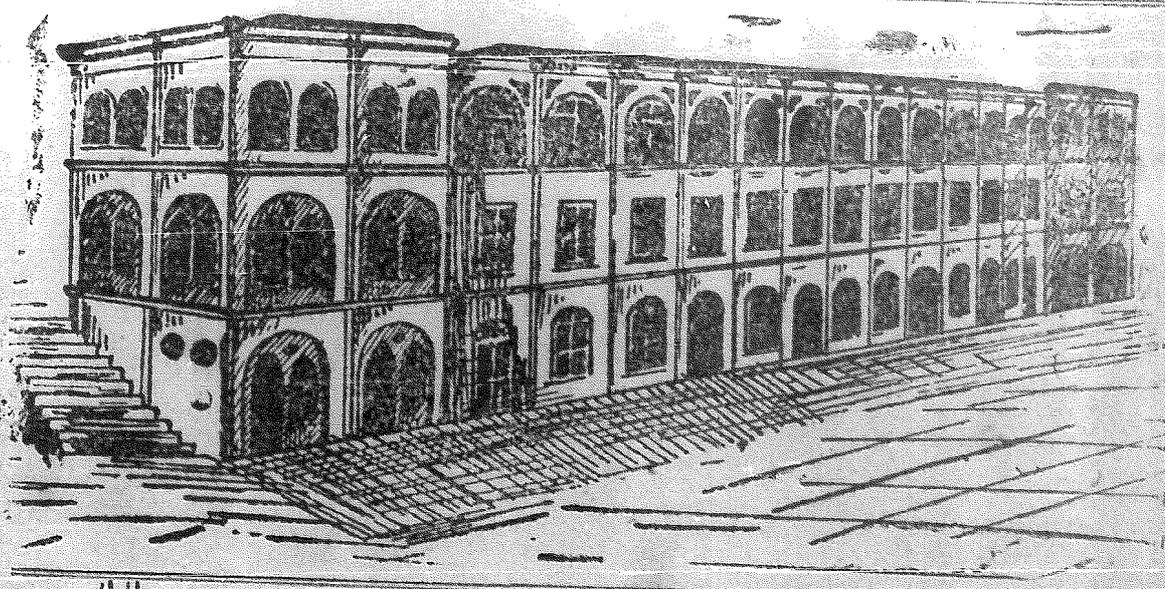
Vê-lo-emos então, alegre nos recreios; estudioso no salão de estudo; atento e aplicado nas aulas; amante do trabalho nas oficinas e com uma sólida virtude visível em qualquer parte.

O LICEU

Órgão do Liceu de Artes e Ofícios S. Gonçalo

CUIABÁ

MATO-GROSSO



1937

INJUSTIÇA!

A aula era um paraíso. O velho professor de Matemáticas, Xavier d'Albuquerque, de cãs alvíssimas e alma de ouro, era o encanto, o ídolo da rapaziada.

Advogado na Capital dava aulas só e unicamente porque gostava dos moços. Tinha a ilusão de que remoçava em contato com a mocidade. Como sabia amenizar a aula, cativar a atenção dos alunos! Tão árida a Matemática! Mas o velho professor era facetó, lépido, brincalhão!... E todos lhe queriam bem. E êle queria bem aos seus rapazes. O seu curso, o seu quarto ano, o absorvia completamente. A sua bonariedade porém em nada prejudicava a sua justiça. O senso da justiça lhe era inato.

Justo e bom o velho professor de Matemáticas. E a aula era um paraíso.

**

Apesar, porém, de tanto desvêlo, de tanto carinho, de tanta amizade, de tanta justiça, a classe não correspondia totalmente aos esforços do velho professor.

Havia uma exceção. Francisco Álvares era o máu aluno. Êle, o único. Máu, desrespeitador, preguiçoso. Nunca uma lição certa. Temas nunca os fizera.

Os colegas o recriminavam. E êle ria. O bom do professor o admocstava. E êle ria.

E se lhe iam enraizando na alma todos os germes da perversidade.

O velho mestre nunca jamais tivera para êle uma palavra forte. Nunca jamais uma nota má à margem do seu nome. Era tão bom o velho professor!

**

Segundo semestre. Primeira aula. Se de alguém tiveram saudades os rapazes nas férias foi do bom professor. Francisco Álvares, não. Esqueceu de

tudo. O restinho de bondade que ainda ficara — precioso cabedal de sua santa mãe que a morte levara — exgotou-se naquelas malfadadas férias de junho. Até de Deus se esquecera.

Segundo semestre. Primeira aula.

—“Meu caro amigo, é necessário que agora você se esforce mais. Talvez a minha condescendência lhe esteja sendo prejudicial. Por isso de agora em diante sempre que não entregar o tema lhe darei a nota que lhe corresponder.”

O rapaz encolheu os ombros.

**

E veio o dia em que o professor deveria tomar as notas dos temas.

A cada nota — que belas notas! — sorria de satisfação o velho mestre como se fôra êle que as tivesse recebido.

—Francisco Álvares.

—Não fiz, não senhor.

—Como lhe disse, meu filho, é necessário que você tenha alguma nota.

E registou na decúria o primeiro zero.

—INJUSTIÇA! — bradou o rapaz. E soltou uma gargalhada.

A classe inteira ficou suspensa.

Os olhos do velho mestre arrasaram-se de lágrimas.

**

Tempos já que não havia um juri sensacional como êsse!

Um moço de pouco mais de vinte anos, assassino. A trôco de umas miseráveis moedas com que saldar as dívidas que no jogo contraíra, perpetrara o desatino. E ei-lo, o pobre moço, no banco dos réus.

Presidia o tribunal, Xavier d'Albuquerque, o juiz impoluto, de cãs de neve e coração de ouro.

As galerias estavam apinhadas de curiosos.

Seis advogados por horas a-fio procuraram inocentar o pobre rapaz. De



Divina promessa, a barquinha de Pedro nunca, jamais adernará. Seguro timoneiro, à luz estelar de uma fé intrépida, permite-lhe, através dos mil e um arrecifes da hora presente, derrota gloriosa e infalível. O velhinho do Vaticano — Embaixador de Cristo — Sua Santidade O PAPA PIO XI, gloriosamente reinante, cujo octogésimo aniversário natalício ocorre a 31 de maio de 1937, é, para o mundo, um fanal, uma esperança e uma bênção...